

# BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

## SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

### APROFUNDAMENTO I

## RESISTÊNCIA AOS ÍDOLOS E À IDOLATRIA DO IMPÉRIO ROMANO

Os governantes do império romano, sucessor do império grego e sua helenização, continuam utilizando ídolos e idolatria, símbolos e atos religiosos, para promover a manipulação, a opressão e a submissão dos povos conquistados. Na Palestina do tempo de Jesus, o império romano, junto com os reis herodianos, promove a helenização, por exemplo, com a construção da Decápolis (dez cidades helenizadas), com uma boa infraestrutura, para favorecer a administração com a arrecadação de tributo pesado, o comércio monopolizado e abusivo, a segurança repressiva e violenta (cf. Ap 6,1-8).

Na implantação da helenização, não falta o uso da idolatria. Um dos ídolos poderosos é a moeda com a imagem e a inscrição do nome do imperador. Em todo o Império, as moedas, com imagens divinas de Augusto, Tibério, Calígula e Cláudio, são cunhadas e utilizadas para favorecer e garantir o comércio, o lucro e um amplo aparato administrativo imperial. O denário (*denarius*, em latim), moeda romana, por exemplo, é utilizado nas transações comerciais, e é a única moeda válida para o pagamento de impostos, o que empobrece e escraviza a população mais vulnerável.

No tempo de Jesus, o denário traz a imagem do imperador Tibério (14-37 d.C.) e a inscrição "César Augusto Tibério, filho do Divino Augusto". César é adorado como deus. Acumular o dinheiro (a moeda imperial) a serviço do interesse próprio seria promover o espírito da helenização e reconhecer a divindade do imperador e a soberania romana. Na realidade concreta, a idolatria do dinheiro traz consequências imediatas sobre o próximo: perversidade, injustiça, ganância, maldade, assassinato (Rm 1,18-32). Daí nasce a crítica de Jesus contra o "dinheiro" como idolatria:

*Nenhum servo pode servir a dois senhores. Porque, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro (Lc 16,13).*

Para Jesus de Nazaré, o dinheiro é o ídolo poderoso na vida cotidiana concreta. Transformar o dinheiro (a moeda com a imagem do imperador) em poder supremo da idolatria significa negar ao Deus da Vida e ao seu projeto de justiça, liberdade, fraternidade e vida. O tema da crítica aos ídolos e à idolatria continua presente nos escritos dos seguidores e das seguidoras de Jesus crucificado, que fazem a experiência do Deus de amor, manifestado na paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo (1Cor 1,17-25; 1Jo 4,7-5,4):

- a) Abandonar os ídolos e servir ao Deus vivo e verdadeiro: "Porque eles mesmos contam como vocês nos acolheram, e como se converteram dos ídolos a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro, e para esperar dos céus o seu Filho, que ele ressuscitou dos mortos: Jesus, que nos livra da ira futura" (1Ts 1,9-10). Paulo convoca a comunidade cristã de Tessalônica a abandonar os ídolos, símbolos religiosos, que sustentam a sociedade escravagista de sujeição, discriminação, opressão e dominação do Império. Encoraja o seguimento de Jesus Cristo morto e ressuscitado, que manifesta o amor e a ação libertadora do Deus vivo e verdadeiro, oposto aos ídolos, deuses insensíveis, "mortos".
- b) Imagens de seres humanos corruptíveis, de aves, quadrúpedes e répteis: "Porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe agradeceram. Ao invés disso, tornaram-se vazios em seus pensamentos, e seu coração insensato ficou na escuridão. Van-

gloriando-se de ser sábios, tornaram-se tolos, e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens de seres humanos corruptíveis, de aves, quadrúpedes e répteis” (Rm 1,21-23). Paulo analisa e critica a vida dos gentios de Roma, capital do Império: “Realmente, do alto do céu se manifesta a ira de Deus contra toda impiedade e injustiça daqueles que com a injustiça sufocam a verdade” (Rm 1,18). Por trás da opressão da verdade e da ocultação da injustiça se esconde a idolatria: a sacralização de objetos, animais, pessoas, colocando-os no lugar do Deus da Vida, justificando e levando a promover “todo o tipo de injustiça, maldade, cobiça e malícia, repletos de inveja, assassinios, brigas, fraudes e perversidade” (Rm 1,29).

c) Idolatria, o espírito da helenização: “Pois saibam que todo aquele que mantém relações ilegítimas, aquele que é impuro e aquele que é avarento, isto é, idólatra, esses não têm herança no Reino de Cristo e de Deus” (Ef 5,5). O autor denuncia o espírito da helenização ou romanização do Império como “idolatria”, o espírito marcado pela busca desenfreada por bens (avarento), poder, prazer e honra, que provoca a libertinagem ética e social, causando ignorância, insensibilidade, paixão enganadora, mentira, injustiça, difamação, roubo, conflito, violência (Ef 4,17-32). Ao contrário do caminho de ganância e de exploração, o cristão, com a imitação de Deus e de Cristo, deve caminhar no amor (Ef 5,2) e caminhar como filho da luz (Ef 5,8), sobretudo repartindo com o necessitado (Ef 4,28).

d) Os ídolos, o poder do Maligno: “Nós sabemos que somos de Deus, mas o mundo inteiro está sob o poder do Maligno. Sabemos que o Filho de Deus veio e nos tem dado entendimento para conhecermos o Deus verdadeiro. E nós estamos no Verdadeiro, no Filho dele, Jesus Cristo. Este é o Deus verdadeiro e a vida eterna. Filhinhos, fiquem longe dos ídolos” (1Jo 5,19-21). O autor da primeira carta de João denuncia o poder do Maligno (mal, diabo, Anticristo, mundo) que se apresenta como deus e controla o mundo inteiro pelo desejo desenfreado de possuir o poder e a riqueza (cf. Ef 6,10-20). O falso deus se personifica nos ídolos que produzem escravidão e morte no lugar de liberdade e vida que o Deus verdadeiro realiza em seu Filho, Jesus Cristo. Para a comunidade joanina, o prin-

cipal Maligno seria o império romano, com seus ídolos, que aliena e explora o povo e persegue seus opositores, como os cristãos (1Jo 2,12-17; Jo 15,18-16,4).

e) A imagem da Besta: “Ela (‘Bestinha’) recebeu a permissão de infundir espírito na imagem da primeira Besta, para que esta imagem pudesse falar. E ainda: podia fazer com que todos os que não adorassem a imagem da primeira Besta fossem mortos” (Ap 13,15). A Besta, a encarnação do mal (Dragão), é a imagem do poder tirano do império romano. As “bestinhas”, os governadores, profetas e sacerdotes, propagandistas e apoiadores do Império, estavam encarregados de “infundir”, propagar e alienar todos os habitantes da terra para que eles adorassem a Besta e aceitassem seu governo, como se este viesse de Deus. Quem não aceitar a idolatria da Besta, não tem participação plena na sociedade e não pode vender nem comprar: “Assim, ninguém pode comprar nem vender, a não ser que tenha a marca, o nome da Besta ou o número do seu nome (666)” (Ap 13,17). A idolatria é tão forte e absoluta, que as pessoas, como os cristãos, são perseguidas e mortas por não aceitarem a Besta (Ap 13,9-10).

O movimento cristão combateu os ídolos e a idolatria do império romano como os deuses falsos de exploração e opressão. Desmascarou e denunciou os poderes que se absolutizaram, tomando o lugar do Deus vivo, e escravizaram as pessoas. Na luta contra a idolatria, muitas vidas foram ceifadas, como aconteceu com os cristãos da Ásia Menor por volta do ano 100 d.C.: “Conheço o lugar onde você mora: é onde fica o trono de Satanás. Você conserva o meu nome e não renegou a fé, nem mesmo no tempo de Antipas. Ele era minha testemunha fiel, e foi morto no meio de vocês, aí onde mora Satanás” (Ap 2,13: Antipas é o bispo martirizado da Igreja de Pérgamo).

As críticas persistentes dos autores da Bíblia contra a idolatria do seu tempo devem nos levar a desmascarar e a denunciar a idolatria de hoje. O Deus da Vida jamais justifica a opressão e a exploração de ninguém. Hoje, em que sentido, então, é cristã uma sociedade onde os detentores ambiciosos da economia, da política e da religião fabricam os ídolos que alienam e devoram o povo? Em que sentido é cristã uma ação evangelizadora que não denuncia a alienação, a exploração e a idolatria de hoje?

## A HISTÓRIA DE SUSANA (Dn 13,1-64)

A novela de Susana é uma das mais populares na tradição bíblica e cristã. Nela, Susana – *açucena* ou *lírio*, em hebraico – é uma judia bela e fiel ao Deus de Israel e à sua tradição e religião. Quando ela recusa o assédio de dois anciãos e juízes imorais e machistas, eles a incriminam com falsos testemunhos, levando-a a um julgamento e à sentença de morte. A novela culmina na salvação de Susana pela mão do jovem Daniel, que usa interrogatórios sábios para provar a inocência dela e expor a maldade dos anciãos, resultando na morte destes por abuso do poder.

### Quem escreveu e por que foi escrita a novela de Susana

O texto de Susana provavelmente foi escrito pelos fariseus, por volta do ano 100 a.C., para criticar a corrupção e o abuso do poder dos governantes asmoneus (o grupo dos macabeus) e saduceus (o grupo dos sacerdotes helenizados). Depois de derrotar o império selêucida (grego) com a ajuda dos romanos, a família sacerdotal dos asmoneus estabeleceu o governo, assumindo até mesmo o cargo de sumo sacerdote (1Mc 13,49-14,49). Embora os asmoneus tenham lutado contra a helenização forçada imposta pelos selêucidas, com o tempo eles próprios seguiram o espírito da helenização (busca desenfreada de riquezas, de poder e de prazer), assumindo o estilo de vida helenístico para manter o poder político na região e resultando na política expansionista militarista, abuso do poder, injustiça, corrupção generalizada, concupiscência etc.

Os fariseus constituíam um movimento religioso resistente à helenização e aos costumes gregos e buscavam ser fiéis à tradição e à cultura do povo judeu, com a observância rigorosa das leis mosaicas. Eles criticavam e desafiavam a autoridade dos governantes asmoneus e dos saduceus, provocando os conflitos e os massacres: João Hircano, rei asmoneu (134-104 a.C.), massacrou milhares de pessoas (não apenas fariseus); Alexandre Janeu, outro rei asmoneu, crucificou cerca de 800 fariseus, por volta de 80 a.C., segundo informação do historiador Flávio Josefo. Nesse contexto, a novela

de Susana foi escrita pelos fariseus para denunciar o abuso do poder e a corrupção generalizada dos governantes, representados pelos dois anciãos imorais e corruptos.

### Trama

A novela inicia-se com a apresentação de Susana: “Havia um morador de Babilônia chamado Joaquim. Ele tinha casado com uma mulher de nome Susana, filha de Helcias, e que era muito bonita e temente a Deus. Os pais dela eram justos e tinham instruído a filha na lei de Moisés” (Dn 13,1-3). Susana está situada na Babilônia, como o livro de Daniel (Nabucodonosor e Dario, reis da Babilônia), mas, na verdade, ela deve ser ambientada nas aldeias da Judeia, no tempo dos asmoneus. É o tempo em que o tribunal comum na aldeia, a primeira instância de julgamento (Dn 16,18-20), é tomado por corrupção generalizada.

A narrativa apresenta Susana como uma judia rica, bela, religiosa, modelo ideal de fidelidade conjugal e confiança em Deus. Ao contrário, os dois anciãos, que compõem o tribunal das aldeias, são descritos como autoridades corruptas e concupiscentes, que veem Susana tomando banho no jardim e são tomados de desejo por ela: “Eles procuraram desviar o próprio pensamento para não olharem o Céu, nem se lembrarem de seus justos julgamentos. Ambos estavam transtornados por causa dela, mas um não contava para o outro o próprio tormento, pois tinham vergonha de falar dos seus próprios desejos; e o que eles queriam era manter relações com ela” (Dn 13,9-11).

Os anciãos acusam falsamente Susana de ter cometido adultério com um jovem, e a ameaçam, dizendo que a entregarão ao seu marido a menos que ela concordasse em se deitar com eles às escondidas (Dn 13,19-21). Susana, fiel à lei de Moisés, recusou, preferindo enfrentar uma punição severa a pecar contra Deus: “Susana deu um suspiro e disse: ‘A coisa está complicada para mim de todos os lados: se eu fizer isso, estou condenada à morte; se não fizer, sei que não conseguirei escapar das mãos de vocês. Mas eu prefiro dizer ‘não’ e cair nas mãos de vocês.



É melhor do que cometer um pecado contra Deus'. Em seguida, gritou bem forte, mas os dois senhores também gritaram, falando contra ela" (Dn 13,22-24). O grito de Susana é uma expressão de desespero e sofrimento, ao passo que os gritos dos anciãos são de poder e de manipulação.

Susana foi levada a julgamento perante a assembleia, que "acreditou neles, porque eram anciãos e juizes do povo, e condenou Susana" (Dn 13,41). Como adúltera ela seria morta por apedrejamento (Dt 22,22; Lv 20,10; Jo 8,4-5). O grito de Susana ecoa novamente: "Então Susana disse em alta voz: 'Deus eterno, que conheces o que está escondido e tudo vês antes que aconteça! Tu sabes muito bem que eles deram falso testemunho contra mim. Vou morrer, mas sem ter feito nada disso de que me acusam'" (Dn 13,42-43). Aqui, o grito dela é sinal de protesto e, ao mesmo tempo, de clamor a Deus, que sempre se coloca ao lado dos fracos e injustiçados. Deus não deve abandonar Susana, uma mulher justa e fiel à lei de Moisés.

No momento em que Susana está sendo levada para ser morta, Deus então intervém: "O Senhor escutou a voz dela. Ao ser conduzida para a morte, Deus suscitou o santo espírito de um adolescente de nome Daniel, que gritou forte: 'Eu não tenho nada a ver com a morte dessa mulher. Sou inocente'" (Dn 13,45). Daniel, cujo nome significa "Deus julga" ou "Deus é meu juiz", denuncia os anciãos injustos e corruptos: "Raça de Canaã, e não de Judá, a beleza da mulher fez você perder o rumo, a paixão embaralhou o seu coração. Isso vocês faziam com as mulheres de Israel, e elas, com medo, se entregavam a vocês; mas esta filha de Judá resistiu à imoralidade de vocês" (Dn 13,56-57).

Com a intervenção de Daniel, o povo voltou à assembleia. Nela, Daniel pediu para que os dois anciãos fossem interrogados separadamente. Ele os interrogou sobre a árvore sob a qual os atos teriam acontecido. A resposta de cada um foi contraditória, revelando o falso testemunho deles. Os anciãos fo-

ram condenados à morte por apedrejamento por seu crime, e Susana foi salva, tornando-se um símbolo de retidão, de fidelidade conjugal e de confiança em Deus (Dn 13,60-64).

### Mensagem

Reconhecendo a narrativa como uma novela bíblica, que assume o papel da profecia na defesa da vida do povo de Israel no pós-exílio, pode-se destacar algumas mensagens da novela de Susana, como meio de promover o direito e a justiça de Deus no mundo injusto e corrupto dos governantes asmoneus:

- a) Fidelidade à fé e à religião judaica como meio de defesa da vida: Susana segue os valores da cultura e da religião na resistência contra a maldade e a violência da autoridade injusta e corrupta.
- b) Violência contra as mulheres: a narrativa aponta, na vida cotidiana, a apropriação do corpo da mulher e o abuso de poder das autoridades patriarcais, machistas e androcêntricas.
- c) A voz da profecia: Daniel, como profeta, se solidariza com a pessoa que está sofrendo injustiça, toma seu partido e levanta sua voz, resiste e denuncia a corrupção, concupiscência, injustiça e violência das autoridades perversas.
- d) Deus dos justos: Deus não abandona o inocente (Pr 17,15) e liberta aquele que é justo e fiel a ele.

A novela de Susana tem função sapiencial e pedagógica ontem e hoje: o povo deve ser fiel à sua fé, cultura e religião na defesa da vida, certo de que Deus é promotor e defensor da vida. É necessário ter sensibilidade, ver a injustiça e se comover contra ela, tomar partido e solidarizar-se com as pessoas injustiçadas, protestar com "gritos" contra a injustiça, a corrupção, o abuso do poder, a violência contra a vida de todos os seres vivos: "Toda a assembleia começou a aclamar, dando louvores a Deus, que salva os que nele confiam" (Dn 13,60).



**Editora:** Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br) - [paulus.com.br](http://paulus.com.br). **Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.**

